

INE anuncia hoje maior queda de sempre do PIB

Economistas antecipam quebra até 20% no segundo trimestre.

ECONOMIA 16

Área: 749cm² / 39%

Titagem: 16.981

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6908567

CRISE

Portugal terá maior queda do PIB de que há memória

O INE decidiu antecipar a publicação da primeira estimativa do PIB do segundo trimestre, para dar mais elementos de análise sobre a atual crise, de dimensões históricas.

MARGARIDA PEIXOTO

margaridapeixoto@negocios.pt

A notícia que o Instituto Nacional de Estatística (INE) se prepara para dar esta sexta-feira será histórica: os economistas antecipam uma contração do PIB no segundo trimestre deste ano que pode chegar aos 20%. A confirmar-se este cenário, o número continua compatível com uma recessão em torno dos 9% em 2020, uma hecatombe económica que será a mais dura em quase cem anos.

Tendo em conta o contexto excepcional de crise económica, provocada pela pandemia de covid-19, o INE decidiu antecipar para hoje a primeira estimativa rápida do PIB do segundo trimestre. O dado terá uma margem de segurança menor, uma vez que está a ser calculado com duas semanas de antecedência face ao que é habitual – a primeira estimativa costuma ser publicada 45 dias depois de terminado o trimestre em análise e agora será conhecida ao fim de 30 dias. Mas o apuramento preliminar terá a vantagem de

permitir aferir mais cedo a dimensão da queda histórica que se antevê.

Vários outros Estados-membros decidiram fazer o mesmo, diz o INE, e para amanhã está também prevista a publicação da estimativa rápida do PIB para o conjunto da zona euro, por parte do Eurostat. Por enquanto, conhece-se a queda registada pela Alemanha: uma contração de 10,1% face aos primeiros três meses do ano, e de 11,7% face ao período homólogo. Foi a maior redução trimestral do PIB desde que há registos, iniciados em 1970.

Para Espanha, os economistas da Bloomberg antecipam uma contração de 16,3% e tanto para Itália como para França de 15,2%. Os Estados Unidos revelaram também ontem a sua primeira estimativa para a contração do PIB entre abril e junho: 9,5%, face aos primeiros três meses do ano. Em termos anualizados, a queda foi recorde: 32,9%.

E Portugal?

As previsões para Portugal são igualmente negras. O núcleo de estudos de economistas da Católica diz que em cadeia a redução deverá ser de 13%, o que corresponde a uma contração homóloga de 15,5%. Mas João Borges de Assunção diz ao Negócios que não se pode “descartar a possibilidade de quebras maiores, até 20% em cadeia”.

Também os economistas do ISEG mantêm um intervalo lato, entre os 15% e os 20% em termos homólogos, a que corresponde uma contração entre 12,5% e 17,5% face ao primeiro trimestre. Já o departamento de estudos do Santander Totta aponta para uma queda entre 12% e 14% em cadeia. A verificar-se valores desta ordem, o segundo trimestre deste ano terá sido o pior desde que há registos, em 1977.

“A nossa previsão tem um intervalo grande porque os modelos económicos não têm um padrão ajustado ao que se está a passar, esta crise não tem comparação possível”, explica António da Ascensão Costa, do ISEG, ao Negócios. As expectativas dos economistas são ainda compatíveis com uma contração anual abaixo de 10%. Mas isso será histórico: se a recessão ficar em 9,5%, como prevê o Banco de Portugal, esta será a maior crise desde 1928.

Outra evidência de que o que



Os economistas antecipam para o segundo trimestre a pior contração no PIB desde que há registos, em 1977.

20%

RECESSÃO

Os economistas admitem que a quebra de atividade no segundo trimestre deste ano poderá ter atingido os 20%.

“

Os modelos económicos não têm um padrão ajustado, esta crise não tem comparação possível.

ANTÓNIO DA ASCENSÃO COSTA Economista e professor no ISEG

Área: 749cm² / 39%

Tiragem: 16.981 FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6908567

se passou no segundo trimestre deste ano em termos económicos foi histórico são os vários indicadores de conjuntura que têm sido publicados mensalmente. Apesar de apontarem para uma recuperação em julho face a abril e maio, em alguns casos iniciada até em junho, continuam com quedas absolutas muito elevadas, sem qualquer comparação com o passado recente.

Por exemplo, ontem o INE revelou que a produção industrial subiu 11,2% em junho, face ao valor de maio. Mas mesmo assim, comparando com o mesmo mês de 2019, a queda continua a ser de 14,6%, tendo contribuído para uma perda de produção no segundo trimestre de 23,7%, em termos homólogos.

“É de esperar uma queda em todas as componentes: no consumo privado (tanto pela via dos bens duradouros como dos bens e serviços não alimentares), no investimento e nas exportações, com destaque para os serviços, por causa do peso do turismo”, antecipa Rui Constantino, economista-chefe do departamento de research do Santander Totta. ■